BOCA DO LIXO

OZUALDO CANDEIAS

Retrato 12 x 18 da rua chamada Triunfo nos dias de hoje, chamada também bocadolixocinema nos dias de ontem. . . e o resto é, diria o Hamleto. . . o resto é pornochanchada. . . fosse o príncipe da Dinamarca cineasta paulistano (ou brasileiro).

Acho que seria oportuno algumas informações sobre a Boca do Lixo cinema produção/distribuição. Conforme alguns pesquisadores, desde a década de 20 existiam distribuidores de filmes nos bairros Luz/Santa Ifigênia, talvez pela proximidade de duas estações ferroviárias. O pessoal do cinema/produção começou a sua migração do Honório, onde nada fazia durante o dia, e da Costa do Sol, onde não fazia nada na boca da noite, para a rua do Triunfo, mais ou menos um ano depois da fundação do INC. O Honório ficava na rua Bento Freitas e o Costa do Sol, restaurante, na 7 de abril. Com o instituto, veio a promessa de maiores reservas de mercado. Melhor fiscalização. Mais fitas, portanto mais trabalho. Os primeiros a pintarem na "boca" foram os produtores para a negociação de suas fitas, acabadas ou em produção, em projeto ou encalhadas. . . Naturalmente o pessoal de equipe e de elenco também começou a pintar no pedaço para poder cruzar com os donos do dinheiro e. . . assim se fez a boca-dolixocinemaprodução, que teve seus anos de glória no período 1968/72, tempo em que ainda se falava de cinema qualidade e quantidade. Boca do Lixo é o apelido de há muito inventado pela crônica policial paulistana para qualificar o território, onde se encontra a rua do Triunfo, por causa do lenocínio e das marginalidades com ou sem delinqüência.

Como já é do conhecimento de todo mundo (cineasta), a rua do Triunfo é um pedaço da bocadolixo SP, e toda boca de categoria tem que ter mulher, mulheres, que na opinião geral devem ser pelo menos fáceis.

. . . é isso aí. . . no pedaço.

1971. . . um pedaço da história do cinema brasileiro, no pedaço, bocadolixocinema – Adhemar Gonzaga.

. . . todos os cinemas têm as suas divindades pelo que tenho constatado, e o nosso não poderia deixar de tê-las. Divindades de trás e de frente das câmeras as de trás são de moda mais recente. Naqueles tempos, algumas das nossas divindades poderiam ser encontradas quase diariamente no pedaço da rua do Triunfo, neste ou naquele boteco, segurando um poste ou uma parede. . . Roberto Santos e

1971. Fosse hoje, se poderia falar de economia de divisas, mas os "homes" ainda não haviam descoberto o petróleo. Até os dias atuais, estas carrocinhas de tração "animal racional" vêm sendo usadas para o transporte de fitas das distribuidoras para as estações de embarque rodoviário-ferroviário. Creio que o emprego deste meio de transporte de fitas tem a idade da boca.

O crítico Orlando Fassoni, Zé Mojica do Caixão, a cria mais conhecida do Bom Baiano do cinema brasileiro. . . talvez por equívocos de alvo, Galante, Palácios e dois trombadões em gestação.

por falar em críticos, Almeida Salles, o Presidente.

1971. Luiz Sérgio Person. . . um dos divinos. . . Antônio Tomé, Luiz Paulino e Mauro Alice.

1972. Até os bons do Rádio e da TV vez por outra apareciam na "boca" – Walter Durst já havia militado na crítica e no cinema. David Cardoso ainda não "venturoso". Barbara Fazio e etc., etc., etc.

1973. Além dos divinos, podia ser encontrada gente das intelectualidades do nosso cinema (SP). O que está segurando a parede é o Bernardo do MIS. O de cabelos brancos é o Plínio das comissões de cinema. O sentado na soleira, disfarçando, sou eu.

1975. . . . ainda nestes dias os divinos do nosso cinema poderiam de vez em quando ser encontrados no pedaço. Talvez seja desnecessário, mas vá lá – Anselmo Duarte, Sérgio Hingst e. . . figuração.

1977. – Crítica e pedagogia universitária cinematográfica de visita à Boca. . . pena não poder pintar mais no pedaço. . . pena mesmo. . . Paulo Emílio Salles Gomes.

1975. Brasileiro é tido e havido como muito criativo, logo o cineasta brasileiro não poderia deixar de inventar. Nesta rua atores e diretores já inventaram em cima de Godard, de Antonioni, de Bergman e sei lá mais de quem. . . por aí já se inventou em cima de movimentos inteiros de cinema. . . os dois, aí da foto, não me deixam mentir – Tony Vieira Bronson e Roselvo Butch Cassidy.

1975 – A que ri é a Denise, O MITO, inventada em cima da Marilyn, que por sua vez foi inventada pelo cinema americano.

1975 – A que telefona é a Ortega Welch, ou a Raquel Ortega. . . por causa da sinuosidade somática.

1976. – Já Durvalino Zapata e Valtinho Armendariz preferiram criar sobre tema mexicano... segundo cinema USA.

1975 – gal. Freund Lee e Alfredo Alcapone, criação USA.

1975 – Butch Cassidy e dois índios brasileiros segundo o cinema do tal do Tio Sam – Zé Lopes e Azeitona.

1977. – Essa de inventar pode parecer ingênua, mas na verdade é um fenômeno de colonialismo que vai acabar acabando com a nossa já anêmica personalidade nacional ... o diabo é que o fenômeno não é só cinematográfico... Geraldão Virgulino Ribeiro Lampião pelo menos inventa em cima do comístico, doméstico parcial.

1977. Índios brasileiros segundo realidade patrícia. Baixaram na Boca para figuração no Caçador de Esmeraldas, *saídos lá da banda de Peruíbe, SP, onde se mocoseiam... São de uma tribo guarani em extinção, o que tá meio na cara. Sem invenção/criação.*